

**QUANDO O DIÁLOGO DISTANCIA:  
DIÁLOGO, DISTANCIAMENTO E CONFLITO ENTRE GERAÇÕES EM LAVOURA  
ARCAICA DE RADUAN NASSAR.**

Edilane Rodrigues Bento<sup>1</sup>

**RESUMO:**

*O presente artigo tem como objetivo analisar na obra "Lavoura Arcaica" de Raduan Nassar, a mimetização dos conflitos entre as gerações, tomando como base os estudos de Kaës (2001) sobre a relação entre a crise de transmissão e o conceito de modernidade, os estudos de Lebrun (2008), o qual lança luz sobre os problemas referentes às relações entre pais e filhos nos dias atuais e, ainda, os estudos de Faimberg (2004), sobre os conflitos do adolescente presentes no adulto. Levantaremos assim, alguns questionamentos, que a obra propicia, em torno de como esses conflitos são geralmente mascarados através de um diálogo que propicia muito mais um distanciamento que uma harmonia entre as gerações.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *literatura, conflitos de gerações, diálogo, distanciamento.*

**ABSTRACT:**

*This article aims to analyze the work "Archaic Farming" of Raduan Nassar, mimicking the conflicts between generations, based on studies Kaës (2001) on the relationship between the crisis of transmission and the concept of modernity, the studies of Lebrun (2008), which sheds light on the problems concerning relations between parents and children today and also studies Faimberg (2004), the conflicts of the adolescent in an adult present. So get up, some questions that the work provides, about how these conflicts are often masked by a dialog that provides a lot more distance that a harmony between the generations.*

**KEYWORDS:** *literature, generational conflict, dialogue, distance*

**Introdução**

Considerando que o diálogo entre pais e filhos configuram um tipo diferenciado de relação entre gerações, na medida em que ocorrem dentro da instituição social família, primeiro momento de socialização da criança, o presente trabalho visa analisar a mimetização dos conflitos entre gerações considerando a representação dos encontros entre os jovens e adultos nessa instituição, focalizando, principalmente, a presença e ausência dos "diálogos" entre os membros da família dentro da obra tomada enquanto

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

*corpus*. Para tanto, torna-se necessário tecer alguns comentários acerca da relação parental no seio familiar e, para isso, nos debruçaremos nos estudos de Kaës (2001), bem como nos estudos de Faimberg (2004) e Lebrun (2008).

### **1. A relação entre a crise de transmissão e o conceito de modernidade**

Segundo Kaës (2001), o adolescente, além de ser um sujeito do grupo, é também um sujeito individual, mas como tal, é herdeiro de aspectos tanto psíquicos e sócias, quanto culturais. É justamente sobre a transmissão desses aspectos que o autor tratará apontando para a dualidade dessa transmissão e afirmando que a crise nessa transmissão é uma questão típica da modernidade. Ora, a dualidade consiste na dupla possibilidade de “recebimento” desses aspectos por parte do adolescente: por um lado, ele pode tentar ligar, tratar e pensar o que se rompeu e, por outro, ele pode nutrir uma vontade de ampliar ainda mais a distância entre o antigo e o novo, entre o mesmo e o outro.

A modernidade aqui é entendida enquanto um momento em que cada geração se desliga da precedente e se coloca em posição de herdeira. Nesse sentido, nossa modernidade não é apenas a crise de transmissão, mas a crise do próprio conceito de transmissão: existe uma dupla incerteza nas relações entre as gerações, tanto por parte dos pais, quanto dos filhos. Essa crise tem sido constantemente representada no texto literário, uma vez que esse faz uma verdadeira representação transmutada da realidade e, muitas vezes, busca dar voz àquilo que geralmente é calado no cotidiano. As relações conflituosas entre pais e filhos é, em *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, percebida desde o início da narrativa quando o leitor fica sabendo que o filho André está longe de casa e é convidado por seu irmão a retornar, mas ele, inicialmente, se recusa a voltar contando o motivo de seu afastamento do seio familiar que consiste entre outros motivos, na inadaptação aquela estrutura familiar patriarcal no seio da qual ele parecia não ter um lugar.

O romance trata intimamente dessa crise de transmissão mostrando o enorme distanciamento entre o filho e o pai e entre o filho e toda a estrutura arcaica da família. O pai, aqui, se afigura, como ocorre normalmente, enquanto a figura central da família, sua voz é a lei e não pode ser contrariada, o que dificulta muito a possibilidade de permanência de André na família. Sobre os problemas referentes à paternalidade falaremos no tópico adiante, com base nos estudos de Lebrun (2008).

### **1. Lebrun e os problemas referentes à parentalidade**

Será em Lebrun (2008), que encontraremos algumas pistas pra se pensar os problemas referentes à parentalidade (paternidade-maternidade) nos dias atuais, bem como sobre os constantes conflitos entre as gerações no que diz respeito às tentativas de quebra das interdições em torno das quais as sociedades humanas se organizam.

Segundo esse autor, na fase pré-ediapiana a criança pensa que tudo é para ela, vê-se como o centro de tudo e não conhece limites. O pai constitui, nessa fase, uma figura imensamente importante enquanto representante dos limites e das interdições a que a criança deve assimilar para viver em sociedade, representada inicialmente pelo convívio familiar. É importante a intervenção paterna por instituir na criança a idéia de ordem sendo que, a função paterna está intimamente associada com a demarcação de limites. Como veremos adiante, quando da análise do texto literário, a delimitação de limites é a origem de todos os conflitos, embora velados, uma vez que a figura do adolescente André, no intuito de ser “o profeta de sua própria existência” deseja quebrar as interdições sociais o que gera a aparição de diferentes tipos de conflitos, que segundo Faimberg (2004) consistem, entre outros, na manifestação de desejos inconscientes bem como na repressão dos mesmos ligada à interpretação que o adolescente faz da interpretação que os pais fazem dele. Tais conflitos, na obra, são observados, principalmente através do monólogo que André trava com o leitor, uma vez que os diálogos do protagonista com os membros familiares são, geralmente, mascarados, não revelando nunca o que ele pensa realmente, por isso, julgamos que esse diálogo, presente na obra, muito representativo das relações entre pais e filhos, acaba mais por distanciar que por unir os membros familiares como veremos adiante. Antes, porém torna-se necessário um breve resumo da obra para que o leitor compreenda melhor as colocações feitas em seguida.

### **3. Lavoura Arcaica: conhecendo a história.**

O romance “Lavoura Arcaica” (L.A., daqui em diante) narra a busca fracassada de um adolescente instável, chamado André, de 17 anos, pela conquista de sua autonomia, ou, nas palavras do autor, a busca do protagonista em ser “o profeta de sua própria história”. O texto encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, intitulada “A partida” e composta por 21 capítulos, ficamos conhecendo André, que se encontra num quarto de uma pensão de uma cidade interiorana e é surpreendido pela chegada de seu irmão mais velho, Pedro, que veio a seu encontro com uma missão: devolvê-lo ao seio familiar, uma vez que o jovem havia abandonado sua numerosa família de camponeses indo para uma

cidade interiorana. Fuga que representava o repúdio à tradição, ao domínio patriarcal. Representando a figura paterna no modo de falar (sermões judaico-cristãos) e de agir (contenção total), Pedro relembra ao irmão a vida familiar e aponta para a quebra que o irmão empreendeu ao fugir de casa bem como para a necessidade de retorno urgente, retorno do qual dependia a restauração da "união" familiar.

Após mascarar muitos de seus verdadeiros sentimentos, André confessa ao irmão que é epiléptico, o que revela uma grande coragem uma vez que a doença é totalmente estigmatizada, entre outros motivos, por ser considerada uma possessão maligna, bem como seu verdadeiro motivo de ter fugido de casa: além do sentimento de inadaptação ao seio familiar, o amor que sentia pela irmã Ana e a impossibilidade de vivê-lo era seu maior empecilho para uma vida feliz e, por isso, ele buscou se afastar de casa. O irmão, perplexo, acredita está diante de um doente, tenta convencê-lo a voltar, o que consegue fazer.

A segunda parte, intitulada "O retorno", composta por 9 capítulos, narra exatamente a volta de André ao seu familiar, a alegria de sua mãe e seus irmãos por sua volta, com exceção do mais moço, o Lula, que também desejava fugir de casa. Percebemos que o filho é recebido como alguém doente, pois o irmão assim o afirma à família. Nessa segunda parte, também é narrado o envolvimento incestuoso entre André e Lula e o diálogo de André com o pai. Diálogo no qual, após um inicial enfrentamento, o filho se retrai, em seguida, por temer a figura paterna e perceber que seria inútil falar sobre seus problemas porque "uma planta numa olha para outra", ou seja, seria impossível para o pai compreendê-lo. Por fim, é narrada a desgraça final para a qual caminha a família após o retorno de André: avisado por Pedro sobre o real motivo do afastamento de André o pai perde todo seu equilíbrio e assassina aquela que seria o motivo do "desequilíbrio" do filho: a filha Ana. Assim termina a narrativa, uma verdadeira versão às avessas da parábola bíblica do filho pródigo.

No entanto, não são unicamente esses fatos que nos interessam, mas os momentos nos quais os diálogos são realizados e nos quais notamos que os verdadeiros sentimentos de André são calados, bem como as constantes indicações de que o protagonista pensava diferente daquilo que dizia o que, a nosso ver, provoca um distanciamento através do diálogo, pois ele mascara as verdadeiras intenções do protagonista. Para isso, destacamos alguns trechos da obra, encontrados ao longo dos capítulos, os quais indicaremos a seguir:

#### 4. Lavoura Arcaica: o diálogo que distancia

No capítulo 1, ao ser encontrado num quarto de um velha pensão interiorana por seu irmão Pedro, o qual tenta convencê-lo a voltar, André diz: "Não te esperava" (L.A., p.09). Essa frase, quando foi pronunciada, segundo o protagonista, ele estava: "cheio de receio de me deixar escapar não importava com o que eu fosse lá dizer" (LA, p.09), o que já aponta para o medo de deixar escapar seus verdadeiros sentimentos.

No terceiro capítulo, ainda no diálogo com o irmão, o protagonista afirma que em alguns momentos ele "quase escorregou" e perguntou por Ana. Não apenas nessa parte, mas em vários momentos a menção ao desejo de saber sobre como estava a irmã é calada por André no receio de que seu verdadeiro sentimento seja revelado.

No quinto capítulo, vemos os sermões proferidos por Pedro, sermões idênticos ao do pai, cheios de preceitos e da moral cristã, destacando o que considera ser a imaturidade do irmão demonstrada pelo fato dele ter fugido de casa e reafirmando a necessidade do retorno para que fosse reconquistado o equilíbrio da família. A desunião que André provocou tinha que ser acabada e o retorno faria isso, afirma Pedro. Então André afirma que *quis dizer* (grifo nosso) "A nossa desunião começou muito mais cedo do que você pensa, foi no tempo em que a fé me crescia virulenta na infância e em que eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa, eu poderia dizer com segurança, mas não era a hora...", mas segundo o protagonista ele se "sentia incapaz de dizer fosse o que fosse" (p.28). Aqui, se torna totalmente perceptível a incapacidade de André em dizer o que realmente pensa para o irmão.

Ele via no irmão a figura paterna e percebia que aquele discurso era o mesmo do pai e que de nada adiantaria dizer ao irmão o que sentia, pois esse havia vestido as "vestes" do pai, não era ele mesmo, mas uma cópia da moral paterna, representava o equilíbrio, a sabedoria e todos os preceitos cristãos. Ele estava certo de que o irmão não o entenderia.

É no sexto capítulo que André revela: "Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! Tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda" (p. 22). Ele parece sofrer por não poder compartilhar sua dor, seus anseios, suas idéias, seus rancores e desejos, até que, no sétimo capítulo, já induzido pelo vinho, ele resolve se abrir com o irmão, contando sobre a epilepsia, sobre sua visão negativa dos sermões do pai, sua inadaptabilidade àquela "lavoura arcaica" que era a estrutura familiar e, finalmente, sobre seu amor por Ana, sendo que, no capítulo seguinte, ele afirma sentiu uma total amargura em dizer aquelas coisas, apontando para um possível arrependimento.

Ao perceber que deixou o irmão atordoado e pensando que ele estava doente, André se arrepende de se ter deixado revelar e passa, mais uma vez, a expressar seus sentimentos apenas através do monólogo, no qual demonstra ao leitor toda sua dor e repulsa pelos sermões paternos e sua pseudo-sabedoria, sermões que eram repetidos agora pelo irmão diante de si.

André relembra que o pai os exortava a “evitar o mundo do desequilíbrio” (LA, p.56), lembrando-os que o mais sábio era ouvi-lo e lembrar que “na doçura da velhice está a sabedoria”. A referência à sabedoria como uma conquista apenas dos mais velhos é reforçada ainda quando o pai retoma, constantemente, a figura do avô falecido que sentava na cabeceira da mesa quando era vivo: “Na cadeira vazia da outra cabeceira, está o exemplo: é na memória do avô que dormem nossas raízes” (LA, P. 59). Aqui, percebemos a visão paterna enquanto castradora. Ora, todo o discurso do pai é pautado nos ideais cristãos de busca de equilíbrio, fuga das paixões da mocidade, importância do perdão, da paciência, e da obediência cega aos mais velhos.

O pai representa a imposição dos limites e a negação da adolescência, pois os mais novos são vistos como desprovidos de sabedoria, apenas os mais velhos são considerados sábios e devem ser considerados como exemplos a seguir, nunca questionados. Vemos, aqui, como é forte esse conflito entre gerações dentro da família representado na obra. André quer ser o profeta de sua existência, mas no seio familiar isso jamais seria possível, pois a estrutura familiar não proporcionaria essa abertura jamais, uma vez que pra o pai, os mais jovens, representados na obra como aquela parte da mesa que era encabeçada pela mãe, e que era composta ainda por André, a filha Ana, e o caçula Lula não tinha vez nem voz. A união da família de que o pai falava em seus sermões era uma união passiva na qual ninguém teria o direito de questionar nada. Essa união era, na verdade, uma forma de castração, de alienação, como percebemos no trecho a seguir:

Na união da família está o acabamento dos nossos princípios; e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada uma deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, *não questionando jamais* (grifo nosso) sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço; hão de ser esses, no seu fundamento, os modos da família: baldrames bem travados, paredes bem amarradas, um teto bem suportado; a paciência é

a virtude das virtudes, não é sábio quem se desespera, é insensato quem não se submete. (L.A., p. 62).

Percebemos, na verdade, um total desejo de manter a todo custo a família “unida”, porém, tal união, não é a desejada por todos os membros, pois André já abandonara o lar e o caçula assim o desejava fazer. Era um desejo unilateral, evocado pelo pai na tentativa de calar qualquer desejo contrário aquela realidade. Ao exortá-los a permanecer unidos e mudos, sem questionar, sem se desesperar e submetendo-se totalmente, o pai revela o medo da desintegração da família. Para ele, é mais fácil vencer pela ordem, através de um discurso tradicional e ditatorial, que questionar as bases dessa união. O conflito entre as gerações, representado nessa família pela figura paterna em oposição ao adolescente André, parece impossível de ser resolvido, pois as visões são extremamente diferenciadas.

No capítulo onze, o protagonista expressa toda sua angústia de adolescente sem voz no seio familiar: “Quanto pesadelo nessa adolescência” (L.A., p. 71), manifestando o ambiente hostil em que vive, no qual todos devem aceitar as imposições paternas. No entanto, apesar dessa angústia, o adolescente não se acomoda com a situação e diz saber que sua loucura era mais sábia que a sabedoria do pai (L.A., p. 111). Para o protagonista de nada adiantava todas aquelas ordens e preceitos, pois os verdadeiros desejos não podiam ser destruídos, podiam até ser mascarados, tais como os desejos que sentia por Ana, mas eles continuavam lá, vivos e cada vez mais fortes.

É no penúltimo capítulo da primeira parte que ele afirma que só viveria uma vida considerada “normal” se a irmã aceitasse viver esse amor (embora de forma velada, para que ninguém soubesse, pois eram segundo ele “vítimas da ordem” [LA, P.141]), pois ele sabia que ela também o desejava. No entanto, a recusa por parte da irmã, motivada pelos receios religiosos e interditos sociais, lança-o ao desespero total, deixando revelar que, a partir dali, não teria saída para ele. Nada poderia fazê-lo feliz. No último capítulo, ele diz como tomou a decisão de partir, afirmando que pensou em falar para a mãe que iria embora, mas deixando escapar que não conseguiu falar nada nesse momento.

Toda a primeira parte demonstra os vários conflitos entre esse adolescente e as interdições patriarcais a que está submetido e da qual foge para tentar libertar-se. Na segunda parte, intitulada como já dissemos “O retorno”, cria no leitor a expectativa de uma harmonia possível, numa associação ao retorno do filho pródigo bíblico. No entanto, essa expectativa é quebrada já no vigésimo quinto capítulo quando André realiza seu primeiro diálogo com o pai, no qual, após observar as marcas no rosto do filho, o pai afirma:

Pai: Esse é o resultado de quem vive uma vida pródiga:

Filho: A prodigalidade também existia em nossa casa [...]

Pai - Você sempre teve aqui um teto, uma cama arrumada, roupa limpa e passada, a mesa e o alimento, proteção e muito afeto. Nada te faltava. Por tudo isso, ponha de lado essas histórias de famintos, que nenhuma delas vem agora a propósito, tornando muito estranho tudo o que você fala. Faça um esforço, meu filho, seja mais claro, não dissimule, não esconda nada do teu pai, meu coração está apertado também de ver tanta confusão na tua cabeça. Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas idéias. Palavra com palavra, meu filho.

Filho - Toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo. Eu poderia ser claro e dizer, por exemplo, que nunca, até o instante que decidi o contrário, eu tinha pensado em deixar a casa; eu poderia ser claro e dizer ainda que nunca, nem antes nem depois de ter partido, eu pensei que pudesse encontrar fora o que não me davam aqui dentro.

Pai - E o que é que não te davam aqui dentro?

Filho - Queria meu lugar na mesa da família.

[...]

Pai - Do que é que você está falando?

Filho - Não importa.

[...]

Pai - *Você está enfermo, meu filho*, (grifo nosso) uns poucos dias de trabalho ao lado de teus irmãos hão de quebrar o orgulho de tua palavra, te devolvendo depressa a saúde de que você precisa.

Filho - *Não acredito na discussão dos meus problemas*, (grifo nosso) não acredito mais em troca de pontos de vista, estou convencido, pai, de que *uma planta nunca enxerga a outra*. (grifo nosso)

[...]

Pai - Você está perturbado, meu filho.

Filho - Não, pai, eu não estou perturbado. (L.A., p.158- 162)

Percebemos, então, que aqui o diálogo não é nada amigável e que André parece, pela primeira vez, enfrentar seu pai, embora afirme não acreditar na discussão de seus problemas nem em discussão de pontos de vista. Agora, ele enfrenta o sermão paterno deixando claro que não está perturbado ou doente, mas que pensa diferente do que o pai desejaria que ele pensasse, o que não representa doença ou perturbação, mas diferentes pontos de vistas. Essa atitude, porém, longe de harmonizar a relação, provoca grande ira no pai que após ouvir, calmamente, tudo que o filho disse irrompe num ímpeto de raiva, afirmando:

*Cale-se! Não vem desta fonte a nossa água, não vem destas trevas a nossa luz, não é a tua palavra soberba que vai demolir agora o que levou milênios para se construir;* (grifo nosso) ninguém em nossa casa há de falar com presumida profundidade, mudando o lugar das palavras, embaralhando as idéias, desintegrando as coisas numa poeira, pois aqueles que abrem demais os olhos acabam só por ficar com a própria cegueira; *ninguém em nossa casa há de padecer também de um suposto e pretensioso excesso de luz,* (grifo nosso) capaz como a escuridão de nos cegar; ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar, ninguém há de confundir nunca o que não pode ser confundido, a árvore que cresce e frutifica com a árvore que não dá frutos, a semente que tomba e multiplica com o grão que não germina, a nossa simplicidade de todos os dias com um pensamento que não produz; por isso, dobre a tua língua, eu já disse, nenhuma sabedoria devassa há de contaminar os modos da família! Não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa! (L.A., p. 172)

O trecho demonstra o momento delicado no qual o pai perde toda a sua típica áurea equilibrada, sábia e harmoniosa, deixando que a ira se revele na tentativa de fazer com que o filho perceba que a estrutura patriarcal, que levou anos para se construir, não será mudada de uma hora para a outra só por um desejo de alguém que, para ele, nem tem vez, nem voz. A advertência para que não se deixe cegar pelas suas ideias é, na verdade, uma advertência contra a desobediência, o pensar por si só que o filho começa a desenvolver. É a representação da queda de um discurso que se transvestia de sábio e harmônico, embora sempre tradicional, para um discurso visivelmente ditatorial e fervoroso no qual fica claro que não importa o que o outro diga, o que o outro pense, pois a verdade conhecida era apenas uma e não adiantava de nada querer mudá-la. Diante dessa ira paterna, André, que até então o enfrentava em todas suas colocações, recua:

Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no que vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões, já sei o que é a solidão, já sei o que é a miséria, sei também agora, pai, que não deveria ter me afastado um passo sequer da nossa porta; daqui pra frente, quero ser como meus irmãos, vou me entregar com disciplina às tarefas que me forem atribuídas, chegarei aos campos de lavoura antes que ali chegue a luz do dia, só os deixarei bem depois de o sol se pôr; farei do trabalho a minha religião, farei do cansaço a minha embriaguez, vou contribuir para preservar nossa união, quero merecer de coração sincero, pai, todo o teu amor. (L.A., p. 174)

O recuo reafirma a idéia de André de que de nada valeria a discussão de seus problemas e de que uma planta nunca vê a outra. É inútil tentar fazer com que o pai o entenda, melhor é então, mais uma vez, mascarar seus sentimentos, e se mostrar

disposto a viver de acordo com as regras da casa. É a pseudo-aceitação que o adolescente faz constantemente ao perceber que necessita ser aceito, não apenas o adolescente, claro, mas principalmente ele, uma vez que sua voz é sempre reprimida e para ser aceito é sempre mais “produtivo” se submeter, pois o tempo mostra que de nada vale sua rebeldia, suas angustias, suas revoltas: sem a submissão as relações podem ser quase impossíveis. Diante dessa nova postura de André, o pai se alegra e se mostra imensamente feliz:

Tuas palavras abrem meu coração, querido filho, sinto uma luz nova sobre esta mesa, sinto meus olhos molhados de alegria, apagando depressa a mágoa que você causou ao abandonar a casa, apagando depressa o pesadelo que vivemos há pouco. Cheguei a pensar por um instante que eu tinha outrora semeado em chão batido, em pedregulho, ou ainda num campo de espinhos. Vamos festejar amanhã aquele que estava cego e recuperou a vista! Agora vai descansar, meu filho, a viagem foi longa, a emoção foi grande, vai descansar, querido filho. (L.A., p.175).

O texto faz uma referência quase que direta ao texto bíblico, seja pela menção à parábola da boa semente, seja pela referência à parábola do filho pródigo e aponta para um final feliz, de comunhão entre as gerações representadas pelos dois. No entanto, é o penúltimo capítulo que quebra, de forma trágica, essa expectativa. Nele, é narrado que o pai, durante a festa pelo regresso do filho, ao saber, através de Pedro, do amor entre André e Ana, é tomado pela ira e acaba por assassiná-la, o que provoca a desestrutura total da família. Nesse momento, os filhos correm em direção ao pai questionando-o: “Pai! Onde a nossa segurança? Onde a nossa proteção? Onde a união da família?” (p.194).

Todo o discurso em prol da união, da paciência, da importância do perdão, da sabedoria e do comedimento, cai por terra diante desse ato de ira. É nesse momento que percebemos o desfecho trágico da obra e também aí que vemos o único momento de aproximação entre as gerações: apesar da máscara do comedimento, dos discursos da sabedoria e do perdão proferidos durante todo o tempo pela figura paterna, essa figura demonstra que por dentro também é sangue, que também é carne e ira e que seus atos também podem ser incontroláveis.

Assassinar Ana, embora manifeste o desejo de aniquilar com a responsável pela desgraça da família, uma vez que era o objeto do amor incestuoso e das angustias dos irmãos, é também a percepção dos desejos incontroláveis, assassinos, maus. Desejos que coloca o pai mais próximo ao filho, pois seus desejos também são contrários aos preceitos judaico-cristãos: não matarás, perdoarás teu irmão, etc.

A verdade é que, se o discurso do pai o distanciou o tempo todo do filho, seu ato o fez ainda pior que aquele no que se refere às quebras das normas sociais e religiosas. A aproximação é ainda percebida no último capítulo quando “em memória do pai”, André repete um de seus sermões:

Em memória do pai, transcrevo suas palavras: “e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada uma deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço”. (L.A., p.195-6).

É a conclusão a que chega o protagonista: É insensato quem não se submete. Não adianta nada questionar, tentar mudar, transformar, se revoltar. O resultado será sempre desastroso. Melhor é se submeter, “amadurecer” e reproduzir toda a estrutura herdada. É menos perigoso.

## **Conclusão**

Embora com um final trágico, que aparentemente aponta para uma total nulidade do sentido do diálogo entre as gerações, *Lavoura Arcaica* pode ser considerado como o romance que aponta para o fim da tradição no sentido que vemos romper-se durante a narrativa e, mais especificamente, no final todo o equilíbrio, toda ordem, e o exemplo máximo que é representado pela figura paterna. Embora possamos afirmar que o romance evidencia a distância intransponível entre as gerações, percebemos que a literatura se revela mais uma vez enquanto campo de discussões que “sacodem” a ordem estabelecida permitindo que através dessa representação, o outro se revele sem máscaras. Na obra, em cada capítulo há uma abertura, um olhar de quem pensa no futuro e aponta para o futuro deixando claro que embora aparentemente impossível, esse futuro apenas será diferente quando as máscaras puderem cair, pois esse futuro, para se tornar presente, necessita de uma ótica do diálogo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BÍBLIA. [Tradução de João Ferreira de Almeida]. Edição revista e corrigida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

Faimberg, H. O conflito do adolescente no adulto: as identificações alienantes através de três gerações. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs.). A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KAËS, René, FAIMBERG, Haydée, (et al.). Transmissão da vida psíquica entre gerações. [Trad. Claudia Berliner]. São Paulo: casa do Psicólogo, 2001.

LEBRUN, J.-P. Um mundo sem limite : ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

NASSAR, Raduan. Lavoura Arcaica. 3ª ed., ver. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.